

O Gozo e o poder: categorias para pensar as políticas de subjetivação contemporâneas

Leonardo Danziato

O autor utiliza-se da dimensão do gozo extraída do campo da psicanálise para realizar suas proposições acerca dos efeitos das políticas de subjetivação contemporânea. Lançando mão de referências clínicas e sócio-culturais, sugere uma apreciação genealógica do gozo e uma relação de imanência entre o gozo e os deslocamentos arqueogenealógicos dos poderes na cultura.

Palavras-chave: gozo, poder, subjetivação contemporânea.

Parece não haver termo mais adequado para pensar a contemporaneidade do que o “gozo”. Ele se encaixa muito bem num tempo dos excessos e das intensidades no qual vivemos. Habitamos um “mundo sem limites” (Lebrun, 2004) e sem fronteiras, organizado politicamente por uma lógica imperial (Hardt e Negri, 2001), e experimentado subjetivamente através dos excessos do consumo dos objetos oferecidos pelo capitalismo recente. Tais excessos não se apresentam unicamente na lógica consumista – lógica de mercado – que domina o mundo contemporâneo, mas também nas formas de relacionamentos sociais e subjetivos, nas “formas de subjetivação” (Foucault, 1988), no campo da ética, numa certa “diet-ética” no “uso dos prazeres” (Foucault, 1984).

Um tempo dos excessos não é outro senão um tempo onde uma certa “regulamentação cultural do gozo” parece ter sofrido uma alteração. Um tempo, pois, que aparenta ter rompido um limiar nas relações topológicas que o mundo simbólico estabelecia com o real.¹ Os limites, por assim dizer, encontram-se “desterritorializados” (Deleuze e Guattari, 1976). Não é por acaso que vivemos hoje uma invasão do real, mesmo que em certas formas “imaginarizadas”, que Zizek (2003), citando Badiou, diagnosticou como característica do século XX, uma “paixão pelo real”(p.19).

A excessiva virtualização da realidade dos tempos atuais termina por estabelecer uma outra relação com o real, um retorno do real em pelo menos duas formas: na forma de um real virtualizado, espetacularizado² – um “semblante”³ – que encontramos seja no retorno de uma relação com um “fantástico” (Melman, 2003, p. 158-9) em nossa sociedade, seja nos novos misticismos, novas seitas e novas terapêuticas da alma, seja na nova relação com o corpo com sua excessiva imaginarização;⁴ por outro lado, **esse real retorna na forma de uma**

1 Utilizamos as dimensões topológicas lacanianas – Real, Simbólico e Imaginário – que formam um enodamento borromeano, ou seja, não podem ser pensadas separadamente.

2 Vários autores se referem a esse aspecto da nossa contemporaneidade, mas seguimos especialmente as indicações e leituras de Melman (2003) e Zizek (2003).

3 Termo que Lacan utiliza para se referir à forma que toma o objeto pequeno *a* em sua relação com a dimensão do real. Sendo o real o que causa horror, o objeto, em sua feição feminina, apresenta-se como um semblante (Lacan, 1985).

4 No sentido lacaniano da imagem narcísica do corpo.

invasão ou de um ataque, cuja lógica terrorista é paradigmática, mas que também encontramos na constante angústia que acompanha o sujeito contemporâneo, na forma de uma “angústia sinal”,⁵ diante do risco de um ataque interno, uma “pane”.

Do ponto de vista sócio-cultural, parece haver uma constatação geral de que o mundo contemporâneo marcado pela intensificação do capitalismo, pela revolução científica e tecnológica, concentrada na evolução das tecnociências e nas tecnologias da informação (Castells, 1999, p. 39) – a informática, as telecomunicações e as biotecnologias – têm produzido importantes modificações diagramáticas, políticas, práticas, discursivas, éticas, estéticas, com conseqüentes efeitos nas relações sociais, na produção das subjetividades, na “experiência”⁶ cultural de vivência do corpo, do sexo e dos prazeres.

Os autores da pós-modernidade não se cansam de dizer que vivemos num tempo de “mutação” histórica e cultural, que se caracteriza por uma exacerbação do “individualismo” (Lipovetsky, 1989), do “narcisismo e da personalização” (Lash, 1999), da “desregulamentação” (Bauman, 1998, p. 9), do “declínio do homem público” (Sennett, 1988); processos que estariam produzindo uma febre de valores hedonistas (Lipovetsky, 1989, p. 9), de desregulamentação da sociedade disciplinar⁷ em direção a um outro tipo de controle, desta feita mais personalista. Tais mutações teriam se instituído a partir de uma implantação global de uma lógica do “consumo sem resistências”, lógica própria de um capitalismo triunfante, ou um “capitalismo tardio”, como o nomeia Jamenson (2000).

A rapidez e a radicalidade dessas “mutações” parecem anunciar outros tempos que aportam trazendo seus efeitos, muitos deles inesperados – efeitos colaterais – surpreendentes e preocupantes, vindo a determinar também uma movimentação na lógica e na estrutura dos saberes e do pensamento atual, na tentativa de abarcar esses fenômenos “imprevistos”.

Seus efeitos se fizeram notar nas mudanças dos costumes, nas relações sociais e nas formações subjetivas, de maneira que parecem ter produzido uma abertura e uma convocação à uma escuta do contemporâneo, pois com sua originalidade e intensidade de fluxos, em suas decodificações (Deleuze e Guattari, 1976, p. 177) e em suas funções de desterritorializações e reterritorializações (ibid.), o contemporâneo parece estar convocando os mais variados campos e saberes a produzirem novos conceitos que permitam alguma compreensão razoável das origens históricas, políticas e discursivas de tais modificações e seus efeitos.

5 Freud se refere à angústia como um sinal diante de um perigo (Freud, 1976i).

6 Utilizamos a noção de “experiência”, tal como aparece na obra de Foucault (1984).

7 Vários autores sinalizam para essa passagem: Lipovetsky, 1989; Deleuze, 1992; Hardt e Negri, 2001, entre outros.

De uma outra forma, autores como Foucault, Deleuze e Guattari, já sinalizavam os processos de intensificação dos corpos e dos prazeres (Foucault, 1988), assim como as conseqüências de uma “desterritorialização” (Deleuze e Guattari, 1976) produzida pelo capitalismo e seus efeitos nas subjetividades.

Por outro lado, a partir da clínica psicanalítica há uma constatação explícita de uma ultrapassagem da prudência na relação com os objetos⁸ que se apresenta de maneira clara na forma do que vem se denominando de “novas formas clínicas”, de uma “nova economia psíquica” (Melman, 2003), ou “novas doenças da alma”,⁹ como nomeia Kristeva. São constatações objetivas que dizem respeito às afetações dos indivíduos no que tange às suas condutas, às suas dificuldades subjetivas – seja na configuração de seus sintomas ou na articulação discursiva de seus sofrimentos – assim como na disposição ética com relação ao outro nos laços sociais, ou em sua “economia de gozo” (Lacan, 2004) na relação com o objeto.

Referimo-nos a fenômenos como as delinqüências, os estados-limite, as depressões, as toxicomanias, as anorexias, as bulimias, a “anomia”,¹⁰ quadros que estariam envolvidos com uma adição do “objeto” – na definição de Lacan o objeto pequeno *a*¹¹ – cuja denominação “*a*-viciados”, sugerida por Souza (2004) é bastante pertinente. Em suma, quadros bastante contemporâneos, que passaram a interrogar a clínica, tal como foi constituída na experiência freudiana, produzindo uma preocupação significativa e importante para a leitura que a psicanálise faz do contemporâneo.

A clínica informa sobre o que as discussões atuais confirmam; estamos nos deparando com um sujeito que não se manifesta subjetivamente mais da mesma forma como o sujeito com o qual Freud lidava. Mesmo que ainda encontremos os quadros clássicos em nossas clínicas, boa parte dos analisantes, contudo, não reclamam mais apenas de uma impotência em tudo saber, ou almejam saber o que não sabem – modelo por excelência do saber inconsciente e da neurose moderna. Os sujeitos contemporâneos, afetados pelo seu tempo, pelo descarado consumo do objeto oferecido pelo capitalismo recente, deprimidos pela maníaca conjuntura

8 A noção de objeto não se resume ao sentido comum que comporta. Existe toda uma discussão acerca do estatuto do objeto, especialmente no campo da psicanálise.

9 Várias são as produções atuais no campo da psicanálise sobre o assunto. As publicações mais citadas são: Melman, 2002 (2003); Kristeva 2001; Lebrun, 2004; Roudinesco, 2000; 2003, entre outros.

10 Quadro sugerido por Melmam, 2003.

11 A noção de “objeto pequeno *a*” – ou simplesmente objeto *a* – encontra-se desenvolvida na maior parte da obra de Lacan, mas foi originalmente desenvolvido a partir do seminário sobre a Identificação, no ano de 1958-59. Ver LACAN, Jacques. A Identificação. Publicação interna do Centro de Estudos Freudianos do Recife (CEF – Recife). (Seminário, 9), s/d.

de gozo, não reclamam apenas de um não-saber, mas de um descontrole em sua “economia de gozo” e de uma insuficiência subjetiva em recompô-la. Não se trata mais apenas de um gozo com os sintomas e seus benefícios secundários – como descrevera Freud sobre as psiconeuroses¹² - mas de um gozo de morte por uma proximidade excessiva e destrutiva do objeto.

O que pode ter produzido tais efeitos de subjetivação, tais efeitos de gozo? Se por um lado observamos uma constatação a partir da clínica psicanalítica de “novas formas” de organização subjetivas, e por outro uma série de fenômenos que nos fazem interrogar as sustentações dos laços sociais, das relações sociais, da ética nessas relações, não podemos deixar de buscar uma articulação evidente desses fenômenos com essas mutações históricas, políticas econômicas e discursivas na cultura, características destes períodos denominados de modernidade e pós-modernidade.

Algumas questões podem nos servir como uma abertura para nossas proposições acerca desse tema, assim como para um balizamento de nossas pesquisas e interlocuções, pois parecem perpassar de forma transdiscursiva os debates em vários campos. Poderíamos formulá-las da seguinte maneira: **como explicar a gênese e os efeitos dessas modificações históricas e discursivas na composição das relações sociais contemporâneas e na origem de determinadas práticas sociais? Através de quais mecanismos e mutações elas afetaram os indivíduos nos limites de suas singularidades, ou seja, no que tange às suas condutas, às suas dificuldades subjetivas e à ética nos laços sociais, ou mesmo, produzindo os efeitos sintomáticos e estruturais que os psicanalistas delatam em suas clínicas?**

Ou ainda, de maneira mais estrutural, poderíamos interrogar: como pensar as incidências e o exercício de uma economia política e cultural sobre os indivíduos, sem desconsiderar sua base material e econômica – as modificações do capitalismo recente – mas também sem recair numa lógica centralizada da dominação, ou nos modelos morais e ideológicos clássicos? Como abordar a problemática dos controles sociais e dos poderes sem desconsiderar os processos de subjetivação contemporâneos, e sem incorrer no equívoco secular das dualidades metafísicas entre o social e o individual, entre o objetivo e o subjetivo, entre o sujeito e o coletivo?

Para iniciar nossas tentativas de respondê-las, partimos do seguinte ponto de análise: acreditamos que esses fenômenos nos servem de ilustrações das conseqüências do que supomos ser uma série de deslocamentos genealógicos, portanto, culturais, políticos, discursivos, econômicos e subjetivantes no mundo

12 O termo “psiconeuroses” era como Freud definia o que hoje nomeamos comumente de “neurose”. Trata-se de uma concepção diluída em toda a obra de Freud.

moderno e contemporâneo.¹³ Deslocamentos que fundamentam nossa hipótese fundamental; ou seja, a suposição de que esses fenômenos podem ser entendidos como efeitos subjetivos e subjetivantes de uma **“alteração na topologia de regulamentação dos gozos na cultura”**, ou, como sugere Bursztein, **uma “mutação do gozo no laço social”** (p. 21), ou ainda, como propõe Melman (2003), uma “mutação cultural”, que está operando uma transformação, de “uma economia [psíquica] organizada pelo recalque a uma economia organizada pela exibição do gozo” (p. 16).

Podemos propor que o que ocorre fundamentalmente nesta passagem em direção à modernidade – e a conseqüente pós-modernidade – e que afeta os sujeitos em suas subjetividades, é uma mutação na “economia política de gozo” na cultura, sustentada, certamente, por transformações de ordem genealógica numa “economia política” (Marx, 1982) discursiva e capitalista, com suas conseqüências para uma “economia fantasmática”¹⁴ do sujeito.

Essa hipótese já foi formulada de uma forma ou de outra por vários autores que discutem as transformações modernas e contemporâneas do capitalismo e do discurso científico, muito embora não se tenha introduzido com veemência a dimensão política do gozo, ou seja, as alterações que tais dispositivos discursivos produziram nesta topologia cultural de regulamentação dos gozos.¹⁵

As várias leituras da modernidade e da contemporaneidade, oriundas dos vários campos tais como as ciências sociais, a filosofia e a psicanálise, apontam, pois, para os efeitos dos deslocamentos arqueogenealógicos que a emergência do capitalismo e do discurso científico causou no solo cultural do ocidente. É possível retornar e considerar esses “pontos de deslocamento”, com seus efeitos políticos e de subjetivação, fundantes dessa alteração topológica nos processos de regulamentação simbólicos e imaginários do gozo na cultura.

A partir de Foucault (1988) podemos dizer que alguns deslocamentos arqueogenealógicos ocorridos na modernidade e na pós-modernidade, afetaram os sujeitos através de suas políticas de subjetivação, produzindo subjetividades. Essas

13 Desenvolvemos um estudo sobre esse deslocamento em outro momento. Ver Danziato, 2006.

14 A economia psíquica do sujeito, do ponto de vista psicanalítico, se sustenta por um fantasma, que Lacan matemiza na equação $a < a$; ou seja, a relação do sujeito com o objeto pequeno a , objeto que causa o desejo, mas que também pode ser imaginarizado na forma de um objeto da realidade. Ver Lacan, 1998, entre outros.

15 Em alguns casos de autores psicanalistas, como Melman e Zizek, a dimensão do gozo é considerada e desenvolvida, mas não se engajam num trabalho de reconstrução genealógica desses deslocamentos e seus efeitos; ou quando o fazem referem-se a uma topologia e uma genealogia especificamente psicanalítica amparada pelo lugar do pai. Os trabalhos de Melman parecem estar mais preocupados com o esvaziamento do lugar do pai. Já os de Zizek enveredam de maneira mais direta nas relações políticas e topológicas na contemporaneidade.

passagens podem ser situadas e explicadas a partir das mudanças de “dispositivos”, como um deslocamento genealógico de um “dispositivo de aliança” para um “dispositivo da sexualidade” (ibid.). **Esses deslocamentos estabeleceram rearrumações genealógicas e diagramáticas do poder (Foucault, 1977) numa determinada época, instaurando outras relações de imanência entre o gozo e o poder, e, com isso, novas condições políticas de subjetivação e novas formas de uma economia político-subjetiva do gozo.**

Nesse mesmo sentido, mas a partir da psicanálise, é possível considerar que o discurso científico e o capitalismo, ou melhor, a “economia política capitalista”, teria operado efeitos significativos numa economia de gozo do sujeito – tal como sugeriu Lacan (1968/69) – modificando a lógica simbólico-cultural da renúncia em prol de uma relação imaginária de recuperação do gozo.

Encontramos em Lacan uma sustentação dessa idéia, já que em sua leitura dos deslocamentos discursivos da modernidade ele sugere que o capitalismo produziu uma equivalência entre o “mais-de-gozar” e a “mais-valia”;¹⁶ ou seja, uma nova forma de contabilização e recuperação mercadológica do gozo renunciado.

Essa hipótese pressupõe uma sustentação anterior que postula a existência de uma “regulamentação do gozo” na cultura. O que isso pode querer dizer? Não estaríamos ampliando demasiadamente uma noção clínica para situá-la na cultura? Não estaríamos incorrendo no mesmo equívoco da leitura culturalista¹⁷ da psicanálise? Não estaríamos trocando mais uma vez noções radicais e impertinentes – como a noção de pulsão – que resguardam a singularidade da inadequação do sujeito a uma ordem, por noções anêmicas, assexuadas como a de cultura?¹⁸ Haveria, então, uma ingerência política sobre o gozo? Isto não estaria em desacordo com uma concepção singular do sujeito, tão cara à psicanálise, especialmente a lacaniana?

Para responder parcialmente essas questões é necessário considerar o gozo, a partir de Lacan, o “campo do humano” (Lacan, 1992), ou seja, o campo de subjetivação do sujeito, sem o qual não há humano. Por outro lado, é necessário pressupor que essa “dimensão” do campo psicanalítico comporta uma leitura genealógica. Para tanto sugerimos uma relação de “imanência” entre o gozo e o poder, de maneira a considerar que a “experiência com o gozo” numa determinada época, implica não só uma dimensão corpórea desenhada pelos limites imaginários

16 Acompanhamos a equivalência sugerida por Lacan entre sua noção de “mais-de-gozar” e a noção de “mais-valia” em Marx; Lacan a desenvolve principalmente em dois de seus seminários: seminário 16 e 17. Ver Lacan, 1967/68 e 1992.

17 Fazemos referência ao movimento culturalista no campo da psicanálise encabeçado por Eric Fromm.

18 Sobre essa crítica ao culturalismo ver Zizek, 1992 e Jacoby, 1977.

do corpo, mas também uma topologia que se expande no espaço discursivo e cultural.

Não podemos desconsiderar as interdeterminações entre os deslocamentos genealógicos do poder numa cultura e a caracterização de uma “experiência com o gozo e o corpo” – com o real do gozo e do corpo. Essa “topologia arqueogenealógica” determina e autoriza as formas do gozo e do gozar para o sujeito, porque implica relações topológicas entre as regulamentações simbólicas e imaginárias dos discursos, diante da angústia com a impossibilidade e com o insuportável do real da morte, do corpo e do gozo.

Portanto, estamos sugerindo a possibilidade de realizar uma apreciação genealógica do gozo a partir da consideração que o gozo e o poder podem e devem ser pensados como genealógicamente inseridos num “campo de imanência”¹⁹ e não como uma dualidade categorial. **Há uma imanência “diagramática” na cultura entre o gozo e o poder, já que podemos considerar a civilização²⁰ uma “maneira como combina em si esses diferentes aparelhos de gozo”** (Bursztein, 1998, p. 20); ou como sugeria Freud (1930), a cultura como o que busca gerenciar a agressão e a destruição que essa dimensão do gozo no humano termina por manifestar.

30

A partir daí é possível pensar que mesmo como um dado de estrutura, o gozo também é produzido a partir de suas formas históricas e culturais de regulamentação, assim como a partir de determinados deslocamentos genealógicos que, como já nos indicava Foucault, produzem os corpos e as subjetividades. Quais as formas de gozo autorizadas numa determinada época? Como gozamos na atualidade? Quais as relações dessas formas de gozo com a “moral do poder” (Lacan, 1959/60)? Qual tipo de gozo convém a determinada forma de poder, já que o poder constitui o corpo, como sugere Foucault (1977)? Como se apresentam hoje o corpo e o gozo após esse processo de instalação de uma biopolítica na contemporaneidade?

Articular politicamente o gozo e o poder implica, pois, considerar uma questão ética e política originária e ampla que diz respeito aos efeitos do exercício e da incidência dos poderes, das coerções e regulamentos sociais (Freud, 1927) sobre os sujeitos, dos “biopoderes” (Foucault, 1988) sobre os seus corpos, ou mesmo da administração dos gozos (Lacan, 2004), no “governo se si” (Foucault, 1984) e do outro; ou seja, os efeitos de subjetivação e os “modos de sujeição” (ibid, p. 27) de uma cultura; questão que nos aproxima das interrogações

19 A noção de imanência que utilizamos faz referência primeiramente a como Foucault (1988) a utiliza, mas também tem suas ressonâncias com a concepção de Deleuze (1993).

20 Bursztein faz uma distinção entre cultura e civilização, mas achamos inócua adentrar nessa discussão. Preferimos a posição de Freud, de não diferenciá-los, pelo menos a princípio.

foucaultianas: “como se exerce o poder” (Foucault, 1995b, p. 239), quais suas nuanças e estratégias? Quais os seus efeitos?

O Gozo e o Bio-Poder Contemporâneo

Não podemos deixar de considerar, portanto, que a política de subjetivação contemporânea é cada vez mais uma “bio-política”, de maneira que nada parece escapar da sua lógica de capitalização. O corpo e o gozo não poderiam estar de fora desses cálculos políticos, seja na forma de uma incidência do “bio-poder”, tal como descreveu Foucault, seja na capitalização do gozo exercida por um “mais-de-poder” (Danziato, 2006). Esta parece ser a novidade que a pós-modernidade nos traz em termos políticos: um poder imanente que funciona através de uma recuperação e capitalização do que resta das operações políticas, simbólicas e subjetivantes, que justifica sua imanência na produção e no oferecimento de formas de gozo para o sujeito.

Diante da crescente imanência da biopolítica e da capitalização do gozo, é preciso interrogar: o que escapa aos cálculos do poder? Diante desse processo intenso de instalação de uma biopolítica e de uma lógica de mercado com seu conseqüente “controle” em nossa sociedade pós-disciplinar, diante do estabelecimento e da “naturalização” desse movimento de recuperação política e mercadológica dos restos, cabe interrogar: o que resta, então?

Teríamos que aceitar, resignados, que nessas condições o que resta é uma reação de gozo do sujeito com uma submissão e um “voto de morte”, um “gozo do trágico” diante do mestre absoluto: a morte? Seria essa a única “escolha” possível? Esta é certamente a que indica o efeito colateral desse processo “cego” pelo qual passamos, onde o olhar não passa de um objeto imaginarizado no campo mercadológico do Outro (A), mas certamente não é a única.

É preciso apostar que os processos de subjetivação fazem aberturas outras, buracos inesperados, efeitos colaterais, que antes de serem tomados como adoecimentos, podem sinalizar a gênese de outros devires, loucas surpresas, que interrogam a “naturalidade” de nossas posições consolidadas numa comodidade teórica.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *O Mal-Estar na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BURSZTEIN, Jean-Gérard. *Hitler, a Tirania e a Psicanálise*. Ensaio sobre a Destruição da Civilização. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998.

CASTELLS, Manuel. *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*. v.1 – A Sociedade em Rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DANZIATO, Leonardo. *O Gozo e o Poder: Sobre a Dimensão Genealógica do Gozo*. 2006. Tese (Doutorado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza. mimeo.

DELEUZE, Giles e GUATTARI, Félix. *O Anti-édipo – Capitalismo e Esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

DELEUZE, Giles. A Sociedade de Controle. In: *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1977.

32

_____. *A História da Sexualidade II – O Uso dos Prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. *A História da Sexualidade I – A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. *O Que é Filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

_____. O Sujeito e o Poder. In: DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. *Michel Foucault - Uma Trajetória Filosófica: (Para Além da Hermenêutica e do Estruturalismo)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FREUD, Sigmund (1925[1926]). Inibição, Sintoma e Angústia. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. (1927). O Futuro de uma Ilusão. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro Imago, 1974. Vol. XXI.

_____. (1930). O Mal-Estar na Cultura. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. Vol. XXI.

HARDT, Michael e NEGRI, Antonio. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

JACOBY, Russell. *Amnésia Social*. Uma Crítica a Psicologia Conformista de Adler a Laing. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

JAMENSON, Fredric. *Pós-Modernismo*. A Lógica Cultural do Capitalismo Tardio. São Paulo: Ática, 2000.

- KRISTEVA, J. *As novas doenças da alma*. São Paulo: Rocco, 2001.
- LACAN, Jacques. (1959/60). *A Ética da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- _____. (1968/69). *O seminário. Livro 16. De um Outro ao outro*. Publicação interna do Centro de Estudos Freudianos do Recife (CEF – Recife), 2004.
- _____. *O seminário. Livro 20. Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- _____. Subversão do Sujeito e a Dialética do Desejo no Inconsciente Freudiano. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. *O seminário. Livro 17. O Averso da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- _____. *O seminário. Livro 9. A Identificação*. Publicação interna do Centro de Estudos Freudianos do Recife (CEF – Recife), s/d.
- LASCH, Christopher. *La Cultura del Narcisismo*. Andrés Bello, 1999.
- LEBRUN, Jean-Pierre. *Um Mundo sem Limite: Ensaio para uma Clínica Psicanalítica do Social*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A Era do Vazio*. Ensaio sobre o Individualismo Contemporâneo. Lisboa: Relógio D'Água, 1989.
- MARX, Karl. *O Capital*. Rio de Janeiro: Imago, 1982.
- MELMAM, Charles. *O Homem sem Gravidade*. Gozar a qualquer preço. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.
- ROUDINESCO, Elisabeth. *Por que a Psicanálise?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- _____. *A Família em Desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- SENNETT, Richard. *O Declínio do Homem Público*. As Tiránias da Humanidade. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1988.
- SOUZA, Aurélio. *Os Discursos na Psicanálise*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.
- ZIZEK, Slavoj. *Eles não sabem o que fazem*. O Sublime Objeto da Ideologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- _____. *Bem-Vindo ao Deserto do Real*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

Resumos

El autor se utiliza de la dimensión de goce aplicada al campo del psicoanálisis para realizar sus proposiciones a cerca de los efectos de la políticas de subjetivación contemporánea. Al utilizarse de las referencias clínicas y socioculturales, sugiere una comprensión genealógica del concepto de goce y una relación de inmanencia entre goce e sus desplazamientos arqueogenealógicos de los poderes en la cultura.

Palabras claves: goce, poder, subjetivación contemporánea.

L'article discute les effets des politiques de subjectivation contemporaines à partir de la dimension de la jouissance issu du champ de la psychanalyse. En se soutenant sur des référents cliniques et socio-culturelles, l'auteur suggère une appréciation généalogique de la jouissance et une relation d'immanence entre la jouissance et les déplacements archeogénéalogiques des pouvoirs dans la culture.

Mots clés: jouissance, pouvoir, subjectivation contemporaines

In this article the author uses the dimension of jouissance, as used in psychoanalysis, to present considerations on the effects of the politics of contemporary subjectivation. Using clinical and socio-cultural references, he suggests a genealogical approach to jouissance and a relationship of immanence between it and the archaeo-genealogical displacement of power in culture.

Key words: jouissance, power, contemporary subjectivation

Leonardo Danziato

Psicanalista; doutor em sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC); professor titular na Universidade de Fortaleza (UNIFOR).

*Rua Álvaro Correia, 455/801 - A, Varjota
60165-230 Fortaleza, CE*

e-mail: leonardodanziato@unifor.br

Recebido em 18 de abril de 2007

Aceito em 25 de abril de 2007

Revisado em 10 de maio de 2007